

**O DISCURSO ESCOLAR:
UM ESPAÇO PLURAL PARA A LINGUAGEM**

Ivana Acunha Guimarães (UFRGS)
ivanaacunha@yahoo.com.br

O propósito deste trabalho é o de examinar e refletir sobre a concepção de língua que é atualizada na escola. Para dar início à nossa pesquisa, entrevistamos alguns professores que atuam no Ensino Médio das redes pública e particular do Município de Porto Alegre, e de alguns municípios da região metropolitana.

Acreditamos que o imaginário de língua na escola se constitui a partir da *tecnologia* (Auroux, 1992, p. 65) disponibilizada a professores e alunos. Em função disso, examinaremos, neste trabalho, alguns dos instrumentos linguísticos que constituem essa tecnologia. Por tecnologia, Auroux (*ibidem*) compreende os *instrumentos linguísticos* que descrevem e instrumentam uma língua, ou seja, a gramática e o dicionário. A esse processo de instrumentalização de uma língua, esse autor (*Ibidem*) denomina de *gramatização*.

À semelhança da gramática normativa, outros instrumentos linguísticos, produzidos especialmente para a Escola, fundamentam a concepção de língua no o discurso linguístico escolar. Esses outros instrumentos, mais comumente encontrados nos referenciais bibliográficos de alguns professores que entrevistamos, são as **gramáticas escolares** e os **manuals didáticos**. Neste trabalho, deteremo-nos na análise dos manuais didáticos referidos, os quais examinaremos em relação à concepção de língua que apresentam e também ao tratamento que dão à variação linguística.

Examinamos os seguintes manuais didáticos:

1. Português: literatura, redação, gramática – Marina Ferreira (2004);
2. Português: língua e literatura – Maria Luiza Abaurre *et alii* (2002);
3. Português: literatura, produção de textos & gramática – Samira Y. Campedelli e Jesus Barbosa Souza (2002);

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

4. Português: novas palavras – Emília Amaral *et alii* (2000);
5. Português – João Domingues Maia (2003).

A utilização desses livros pelos professores se dá em função de que são de fácil acesso e, além disso, constituem-se em fontes de consulta atualizada (em relação aos vestibulares e aos exames de avaliação do ensino médio), confiável, por estarem em consonância com as regras apresentadas pela gramática normativa. Esses manuais apresentam exercícios criativos e, graficamente, bem elaborados (apresentam letras de cores e tamanhos diferenciados, esquemas, desenhos, charges, histórias em quadrinho e uma separação física entre os assuntos relacionados à gramática, produção textual e literatura). Eles têm como objetivo tornar a exposição dos assuntos tratados didática e atraentemente

Esses instrumentos linguísticos são as principais fontes de consulta e, muitas vezes, as únicas fontes, utilizadas por professores e alunos no Ensino Médio, conforme é possível constatar a partir da entrevista realizada. Isso se deve ao fato de que o Livro Didático²⁰, de acordo com Souza (1999, p. 27), tem um funcionamento que lhe confere uma imagem de autoridade de *verdade sacramentada a ser transmitida e compartilhada*.

A maioria dos manuais que analisamos, a estrutura e a sequência dos capítulos é praticamente a mesma: capítulo de reflexão sobre a língua, e questões referentes à variação linguística, elementos de comunicação e outros assuntos relativos a fatos da língua que não estão presentes na gramática normativa; a seguir, uma descrição gramatical, seguindo a ordem estabelecida pela gramática normativa: fonologia, morfologia e sintaxe, acompanhada de exercícios retirados de revistas, jornais, romances, propagandas, charges ..., tudo isso apresentado sob uma forma gráfica bastante atraente (imagens coloridas, originais etc.).

Ao examinar a concepção de *língua* que esses autores apresentam na introdução do ensino de gramática, notamos que alguns deles, apresentam a mesma concepção de língua. Para esses autores,

²⁰ Também trataremos o Livro Didático ou Manual Didático, neste trabalho, como MD.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

a língua (ou língua natural) é um sistema de signos, os quais estão constituídos de duas faces: um significante (face sonora ou gráfica) e um significado (face conceptual). Percebe-se, pois, que eles concebem a língua como o fez Saussure.

Esses autores, mais exatamente Maia e Abaurre²¹, divergem, no entanto, com relação à concepção de *linguagem* apresentada. Para Maia (2005), a *linguagem* é o meio utilizado para a transmissão de uma mensagem, para comunicar algo através de um código, sendo a *língua* um desses códigos.

Se, para Maia, a linguagem é um meio de comunicação, deixando claro que confunde a *língua* e a *linguagem* com código, para Abaurre, a linguagem está diretamente relacionada ao sujeito produtor dessa linguagem, o qual, mais do que apenas comunicar, quer interagir através da linguagem com seus interlocutores, revelando ou escondendo suas intenções, interferindo na linguagem e, também, sendo modificado por ela. Abaurre aproxima-se do referencial teórico ao qual nos filiamos, a Análise do Discurso, à medida que apresenta a língua constituída por ambiguidades e silêncios, fatores desconsiderados pela maioria das teorias da linguagem, e também pelos autores dos livros didáticos que examinamos até o momento. Entretanto, Abaurre se afasta da concepção discursiva à medida que apresenta o sujeito da linguagem como portador de intenções.

Observamos ainda que, embora apresente uma concepção de linguagem mais abrangente em relação aos demais manuais analisados, a autora faz uma separação entre língua e linguagem. Para essa autora, a linguagem é uma faculdade própria dos seres humanos, a qual é capaz de representar significados básicos, através de um sistema de signos; já a língua é considerada como uma das diversas formas de linguagem, isto é, a língua é a forma da linguagem que se manifesta através de signos linguísticos.

Embora estabelecendo oposição entre língua/linguagem, a concepção de língua apresentada por Abaurre representa um avanço se comparada às concepções de língua encontrada nos demais manuais escolares, pois os equívocos, os duplos sentidos e os silêncios,

²¹ Os demais autores examinados não se referem à linguagem quando conceituam língua.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

para essa autora, também fazem parte da língua. Acreditamos que, dessa forma, esteja sendo ampliado o imaginário de língua que permeia o ambiente escolar, já que esse imaginário estava, até então, construído a partir de uma concepção de língua sistêmica, homogênea, a qual observamos na maioria dos manuais que examinamos.

Notamos que esses livros centram o tema *língua/linguagem* nos padrões ou variantes linguísticas, assunto sobre o qual há uma certa unanimidade, à medida que todos os autores pesquisados reconhecem que:

- a) há uma variante ou variedade padrão ou culta da língua;
- b) a gramática normativa se ocupa dessa variante;
- c) a língua apresenta outras variantes condicionadas por aspectos sociais, geográficos, situacionais etc., as quais foram excluídas do estudo da Gramática Normativa;
- d) essas outras variantes não devem ser encaradas como um erro produzido na unicidade sistêmica da língua, mas como uma variação dessa língua, a qual vai produzir uma diversidade externa ao sistema e determinada por fatores tais como sujeito, situação etc. Essa variação, sendo externa, não altera a qualidade do sistema que se mantém uno, intacto. Dessa maneira, o julgamento, do tipo certo e errado em relação à norma padrão, cede espaço para a adequação ou não à situação de uso da língua.
- e) Para dar conta da heterogeneidade linguística, eles fazem uma separação entre aquilo que é da ordem da língua, o homogêneo, e tratam das diversidades linguísticas ao nível da fala, do discurso (entendido como linguagem) e do estilo.

Acreditamos que esse fato é preponderante, pois revela uma postura crítica, assumida, nesses manuais, em relação à postura mantida pelos métodos e manuais tradicionais de ensino de Língua Portuguesa, que vigoraram por muitos anos e que consideravam “certa” apenas uma manifestação da língua: a língua das classes privilegia-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

das, a língua culta. Tudo que estivesse fora das regras e normas da língua padrão era considerado “errado”.

Mesmo fugindo da cultura do **certo** e **errado**, notamos, ainda, certa resistência nos manuais analisados, em relação à heterogeneidade da língua, relegando para um outro plano, o plano da linguagem e da fala (dialeto, padrão, nível, variante...), tudo aquilo que foge a uma língua ainda considerada sistêmica e homogênea. O estudo das variações, na maioria dos manuais examinados, não ultrapassa a seção ou capítulo destinado a teorizar sobre a concepção de língua; todos demais capítulos ou seções desses manuais, tratam de uma língua padrão, homogênea. Porém, o reconhecimento das demais variantes linguísticas já representa um grande avanço para o ensino de língua na escola, tanto o reconhecimento de uma variedade linguística, como também as reflexões trazidas, em alguns desses manuais, sobre o preconceito linguístico em relação a algumas dessas variantes.

Alguns dos livros examinados, ao longo do capítulo sobre língua, passam a conceituar gramática e a justificar o ensino do padrão culto de língua por ser este o de maior prestígio, ou, ainda, outros autores, como Marina Ferreira (2004), consideram importante para o aluno conhecer as manifestações e transformações da língua através da leitura de livros, revistas e jornais. Assim, as variantes consideradas passíveis de serem examinadas na escola são apenas aquelas provenientes das camadas elitizadas da sociedade.

Também procuramos observar nos Livros Didáticos os comandos dos exercícios por eles propostos, a fim de verificar se há coerência entre o que esses manuais preconizam em relação à variação linguística, no capítulo destinado às reflexões sobre a concepção de língua, e o trabalho efetivo com a língua, nos exercícios formulados e propostos por esses manuais.

Assim, selecionamos de cada Livro Didático examinado alguns comandos de exercícios:

RECORTE 1 – MD: Português – João Domingues Maia (2003).

SD 1

Reescreva as frases abaixo efetuando a concordância **cabível** (p. 322– ex. 3)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Sd 2

Relacione as orações que não apresentam **erro** de concordância...
(p.333– ex. 2)

RECORTE 2 – MD: Português: novas palavras – Emília Amaral *et alii* (2000)

Sd 3

Reescreva as frases empregando a forma verbal **correta** (p. 407– ex. 15)

RECORTE 3– MD: Português: língua e literatura – Maria Luiza A-baurre *et alii* (2002)

Sd 5

Transcreva o trecho que apresenta **incorrekções** na regência verbal (199-ex. 3a)

Sd 6

Redija-o **corretamente** (p.199 ex. 3b)

RECORTE 4– MD: Português: literatura, produção de textos & gramática – Samira Y. Campedelli e Jesus Barbosa Souza (2002)

Sd 7

Reescreva com a forma **conveniente** de superlativo absoluto sintético (p. 464– ex. 5)

RECORTE 5 – MD: Português: literatura, redação, gramática – Marina Ferreira (2004)

Sd 8

Observe a **inadequação** quanto à concordância verbal na frase: (p. 459– ex. 6)

Pudemos observar, a partir das sequências discursivas (sd) acima que, no discurso dos livros didáticos analisados, a posição-sujeito presente no capítulo destinado às reflexões teóricas sobre língua é divergente em relação à posição-sujeito presente nas **sd**, que representam os comandos dos exercícios, presentes nos demais capítulos. Essa divergência aponta para duas FD divergentes, isto é, uma posição-sujeito aponta para um sentido de língua heterogêneo, presente no capítulo teórico, enquanto que a outra, a dos comandos dos

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

exercícios, aponta para um sentido de língua homogêneo. Isso é indicativo de um sujeito dividido entre diferentes concepções de língua, o que aponta para a contradição do discurso dos MD.

Nas sd, que representam o comando dos exercícios, percebemos uma posição-sujeito inscrita num saber que aponta para uma língua homogênea, já que, em cada enunciado, há uma marca linguístico-discursiva, destacada negrito, que atesta essa concepção de língua, à medida que reforça o sentido de que há uma forma linguística correta, adequada em relação a outras formas. Assim sendo, esses vocábulos e expressões **erro, correta, corretamente, inadequação, incorreções, errada, cabível** apontam para uma língua homogênea, que só admite uma forma, uma maneira de bem dizer/bem escrever.

Pode-se questionar, então, **incorreções, inadequado...** em relação a quê? Essa questão fica indeterminada no discurso porque há nele implícito um discurso pré-construído de que a gramática apresenta regras e normas da Língua Portuguesa definindo como deve ser o funcionamento dessa língua (padrão, culta, de prestígio, das camadas sociais altas), que formas devem ser consideradas **certas** em detrimento de outras variantes (consideradas erradas, fora do padrão, próprias às camadas sociais iletradas, incultas).

Por não ser explicitado, na maioria dos MDs, um complemento, explicitando em **relação a quê?**, é estabelecido esse parâmetro **correto, erro, inadequado, conveniente** etc., é atualizado esse pré-construído, esse discurso transversal que legitima o discurso das regras gramaticais e da gramática normativa como modelo, padrão único a ser considerado em relação ao bem falar/bem escrever, silenciando e estigmatizando, no mesmo movimento, outros modos de dizer.

Dessa forma, se no capítulo destinado às definições de língua e de variedade linguística há a atualização de um discurso de língua heterogênea²², nos enunciados que representam o comando dos exercícios há um apagamento dessas outras possibilidades, dessas outras

²² O sentido heterogêneo de língua está também presente, nesses MD, no capítulo destinado à metalinguagem. Esse sentido de língua é construído a partir de um saber que aponta para uma língua que comporta algumas variantes, as quais têm seu uso regulado, determinado pelo contexto em que se dá a produção oral ou escrita.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

variedades, e o discurso de uma língua homogênea é atualizado. Assim, tudo o que não se enquadra nesse padrão linguístico, construído através do discurso da gramática normativa, é considerado errado, inculto, inadequado, inconveniente...

Em outros comandos de exercícios, nesses MD, encontramos marcas que apontam para um discurso heterogêneo em relação à língua, porém entre essas variedades, há uma que é considerada hegemônica em relação às demais. Vemos aí uma outra posição-sujeito inscrita em uma FD que registra a variação, ao mesmo tempo em que identifica uma variedade-centro (principal, mais importante) e outras variedades “margens”. Essa posição pode ser identificada por expressões como **língua culta, norma culta escrita, padrão culto**.

Podemos ver essas marcas nos seguintes enunciados:

RECORTE 6

Sd 9

Entre as orações abaixo, indique aquelas que contrariam a **norma culta escrita**: (Maia, p. 312– ex. 3)

Sd 10

Esse conhecimento é necessário à **escrita padrão**... (Abaurre p. 159– ex. 4b)

Sd 11

Quais frases apresentam inadequação relativa à concordância? Reescreva-as, adequando ao **padrão culto** da língua. (Ferreira, p. 459– ex. 3)

Os determinantes discursivos **culta, padrão, culta escrita** apontam para outras variedades linguísticas, para um discurso de heterogeneidade linguística, o qual admite outras possibilidades de dizer que não só a norma culta, porém essas possibilidades não se enquadram num centro linguístico, numa variedade de maior prestígio, hegemônica, a qual admite os determinantes discursivos **padrão** (modelo de bem falar/escrever) e **culta** (própria daqueles que têm um conhecimento das normas e regras veiculadas pela gramática normativa).

Conforme vimos nas análises desses enunciados, a noção de culto ou de cultura está diretamente ligada à cultura acadêmica, co-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mo se, em outros espaços de práticas linguísticas, não houvesse cultura.

Assim, a cultura passa a ser associada a uma variedade definida por regras e normas construídas pela gramática normativa. As demais variantes não são legitimadas como culturais, como se essas variantes não fossem associadas, ligadas a uma história, a um sentido, a um sujeito ideológico, cuja posição-sujeito num determinado discurso se dá a partir de determinadas condições de produção, as quais vão estar adequadas a uma determinada variante linguística, que não será necessariamente a variante formal (*culta, padrão...*)

São excludentes do mundo da escola essas outras variantes, assim como essas outras posições-sujeito que fogem ao padrão que a escola considera culto; essas variantes são silenciadas, sob a égide da não-cultura, daquilo que não oferece nada a saber, a ser conhecido e refletido na escola.

Esse padrão linguístico é aquele praticado pelas classes de maior prestígio social e econômico, próprio da elite cultural, enquanto que as outras variantes são associadas às classes desfavorecidas, aos iletrados, analfabetos, pobres. Esse sentido assim construído faz com que o padrão linguístico da gramática normativa adquira um valor de verdade, de aceitabilidade e legitimidade em relação aos demais, que são, como vimos nos enunciados analisados, desconsiderados, silenciados.

Em relação a essa questão, Gnerre (1985:4) afirma que o valor que é dado a uma variante linguística está ligado ao prestígio, ao poder, à autoridade econômica e social de seus falantes. E acrescenta que, ao ser associada à escrita, uma variedade passa a ter maior importância do que as outras, já que é essa variedade que será usada para transmitir *informações de ordem política e cultural*.

Assim, em função da situação econômica e social, os grupos de maior prestígio passaram a ter sua variedade linguística mais rapidamente ligada à escrita, logo associada a uma variedade padrão e, a partir daí, essa variedade passa a ser normatizada, portanto, legitimada, reconhecida e aceita como a variedade culta, padrão de uma língua. Para esse autor (*op. cit.*, p. 7), é a associação à escrita e à tra-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

dição gramatical que ocasiona uma separação profunda entre a variedade culta ou padrão das demais.

Acreditamos que as questões relativas à cultura são essenciais no processo de ensino e aprendizagem de língua, pois a posição do professor em relação à noção de cultura e em relação à discussão entre o que é e o que não é cultura, em relação à cultura do outro (do aluno) influencia sobremaneira à concepção de língua a partir da qual esse professor vai fundamentar sua prática pedagógica.

Essa forma estereotipada de cultura cristaliza-se sob a forma de enunciados pré-construídos (de que a língua normatizada pela gramática é a língua culta), os quais vão tangenciar outros discursos que, mesmo não reproduzindo esses pré-construídos no fio do discurso, permitem, através de determinadas marcas linguístico-discursivas (**culta, padrão, culta escrita**), a atualização desses pré-construídos – dos estereótipos que cristalizam esse imaginário de língua *culta* presente na Escola.

Podemos associar o funcionamento do estereótipo à questão da cultura do ensino de língua materna na Escola, àquilo que é considerado ou não cultura em relação à língua. O estereótipo de língua ideal, normal é, então, conferido à língua formal; às demais variedades cabe o clichê do anormal, oposto, adverso. A repetição de que a língua formal é a língua ideal, cristalizou no discurso escolar esse imaginário de língua hegemônica, que encontramos nos MD, especificamente nesses enunciados que analisamos, os quais reproduzem o estereótipo de língua ideal (cultura), língua formal, aquela com a qual os alunos “devem” identificar-se.

Como essas verdades estereotipadas, pré-construídas não precisam ser comprovadas²³, as outras variedades vão sendo enquadradas nas margens naquilo que está fora do padrão e da cultura: *é a língua daqueles que não sabem falar, dos sem cultura*, o **outro** do qual os alunos devem afastar-se, pois toda variedade que foge a um

²³ Conforme Mira Matheus, não existe uma hierarquia entre as variantes de uma língua em nível linguístico; a hierarquia ocorre em relação ao nível social e econômico daqueles que praticam essas variedades. De acordo com Silva (2007, p. 148), *não temos quase nenhuma descrição sobre essas “outras” línguas, dado o pouco valor social e político atribuído a elas e aos seus falantes.*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

padrão **culto** remete a um padrão não-culto, praticado por aqueles que ignoram a variante hegemônica .

Há, porém, formas linguístico-discursivas que atualizam nos enunciados dos exercícios dos MDs, a mesma posição-sujeito que encontramos no capítulo teórico sobre a língua, ou seja, que apontam para uma variedade linguística em que não há hegemonia de uma variedade em relação às outras.

Podemos ver essa posição nos seguintes enunciados:

RECORTE 7:

Sd 12:

A forma do pronome complemento do verbo *acertar* na tira abaixo é típica da modalidade coloquial oral. Qual seria a forma correspondente, na modalidade escrita formal, à forma coloquial *acerte ele?* Justifique. (Abaurre, p. 123– ex. 4)

Sd 13:

Frequentemente, frases como as apresentadas abaixo são proferidas em conversações informais. Num texto formal escrito, porém são inadequadas. Reescreva-as, sem modificar o seu sentido e pontuação, mas adequando-as ao padrão da língua escrita. (Abaurre, p. 198– ex. 1).

As expressões **escrita formal**, **texto formal escrito**, presentes nos enunciados das sd 28 e 29, apontam para o discurso da gramática normativa, sem, no entanto desqualificar as demais variedades que fogem a esse discurso, já que essas expressões apontam para o outro (as outras variedades) como outras possibilidades de dizer sem atualizar efeitos de sentido que apontem para uma variedade que seja hegemônica e sem apontar nenhum juízo crítico ou depreciativo sobre as diferentes variedades linguísticas. Essas expressões apontam para a adequação ou inadequação do uso de determinadas materialidades discursivas de acordo com a posição em que o sujeito do discurso esteja inscrito e das condições de produção desse discurso.

Notamos também que nesses enunciados as variedades linguísticas, que fogem à descrição da gramática normativa, aparecem designadas, nomeadas como **conversações informais** e **modalidade coloquial oral** . Essas designações, até então ausentes nos demais enunciados dos LDs analisados, passam a construir um novo sentido para língua, ou seja, a trazer para o discurso da escola essas outras

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

variedades; ao nomeá-las, esse discurso constrói, abre um espaço para a legitimação dessas outras variedades e sua inserção no discurso dos MDs, fato que, acreditamos, terá como consequência uma maior visibilidade e, portanto, inserção dessas variedades no discurso da escola. Ao serem nomeadas pelo discurso dos MDs, essas variedades passam, a nosso ver, a ter existência no discurso escolar.

A política do ensino de línguas deve estar voltada, por conseguinte, para o heterogêneo, oferecendo possibilidade de igualdade para as diferentes possibilidades de dizer que uma língua como ordem (funcionamento) oferece. Cabe à *atividade política* da escola e dos professores desfazer as divisões e interdições construídas pela *ordem policial* ditada pelos professores da abordagem única da língua padrão, e, sendo assim, possibilitar que haja a participação, no discurso da escola sobre língua, de outras vozes (que aponta para a heterogeneidade linguística), a qual deve estar em igualdade com a voz que aponta para o estudo da gramática e sintaxe de uma única manifestação da língua, a chamada *língua culta* ou *padrão*. Acreditamos que só assim, aqueles que não estão incluídos, através de uma concepção homogênea de língua, podem encontrar na escola um lugar que abrigue também a sua maneira de dizer, de produzir sentidos como expressão da sua cultura e da sua resistência àquilo que o oprime:

...Formas de resistência, que eu venho chamando “manhas” dos oprimidos, no fundo “imunizações”, que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe, sua religiosidade. (Freire, 1993, p. 48)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza *et alii*. *Português: língua e literatura*. São Paulo: Moderna, 2002.

———. *Português: língua e literatura*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

AMARAL, Emília *et alii*. *Português: novas palavras*. São Paulo: FTD, 2000.

CAMPEDELLI, Samira & SOUZA, Jesus Barbosa. *Português: literatura, produção de textos e gramática*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERREIRA, Marina. *Português: literatura, redação e gramática*. São Paulo: Atual, 2004.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MAIA, João Domingues. *Português*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Unidade e variação na língua portuguesa: memória colectiva e memória fraccionada. **In:** *Revista Organon*, V 8, n. 21: Questões da lusofonia. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ANEXO

No quadro que segue, procuramos mostrar a concepção de língua e de variação linguística apresentada nos manuais didáticos que examinamos.

LÍNGUA	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
As palavras revestem ideias e sentimentos, permitindo que possam ser explicitados. Por meio da palavra é que as comunidades humanas têm transmitido, de geração a geração, os conhecimentos, os comportamentos e valores que constituem a sua cultura. A linguagem verbal apresenta uma estrutura bastante complexa: além de representar todos os objetos, permite sua análise, caracterização e interligação com outros conceitos(...) As palavras são signos linguísticos. Estes têm por finalidade representar os seres e objetos e são compostos de duas faces..... (Ferreira, 2004, p. 21)	Toda língua comporta vários registros, utilizados conforme a necessidade de quem quer se comunicar. Cada registro tem características próprias e pode funcionar bem em situações comunicativas apropriadas. (...) As diferenças de linguagem são uma espécie de distintivo ou emblema dos grupos e, nesse sentido, colaboram para constituir sua identidade ²⁴ . (...) a gramática reconhece a variante cultura como modelo de bem falar e escrever. Pertencente à classe de maior prestígio social, essa variante é divulgada pelas escolas, pelos livros científicos e literários... (Ferreira, 2004, p. 36-37)
Pode-se(...) definir linguagem como um sistema de signos capaz de representar (...) significados básicos que resultam de uma interpretação da realidade e da construção de categorias mentais que representam os resultados dessa interpretação. (...) Dentre os exemplos de linguagem é importante destacar as línguas naturais (...) que são sistemas de signos linguísticos. (...) Os signos linguísticos são os elementos de significação nos quais se baseiam as línguas.(...) a linguagem (...) é uma arena onde se degladiam intenções e expectativas opostas. Palco de ambiguidades, de duplos sentidos de implícitos, por vezes até de silêncios	... Essa diferenciação no interior de uma mesma língua é perfeitamente natural e decorre do fato de que as línguas naturais são sistemas dinâmicos e (...) sensíveis a fatores como (entre outros) a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto. (...) Todas as variedades constituem sistemas linguísticos (...) adequados para a expressão das necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, dadas as práticas sociais e os hábitos culturais de suas comunidades.(...) Um dos aspectos mais conhecidos da variação linguística é a diferenciação que caracteriza os (...) dialetos ou

²⁴ A autora traz essa citação sobre variação linguística de Maria Bernardete M. Abaurre e Sirio Possenti, retirada do livro *Vestibular da Unicamp: Língua Portuguesa*, publicado em São Paulo pela editora Globo em 1993.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

<p>disfarçados de palavras ... (Abaurre, 2002, p. 1 –3)²⁵</p>	<p>variedades regionais. (...) Por registros linguísticos ou variações de estilo entendem-se as variações (...) relacionadas aos diferentes graus de formalidade... (Abaurre, 2002, p. 6)</p>
<p>...os falantes e ouvintes de uma mesma língua observam um número não pequeno de regras – mil a mil e quinhentas é uma estimativa já admitida-, ao falarem e ouvirem. Tais regras constituem um sistema (...) É a esse sistema que se dá o nome de gramática de uma língua... (Houaiss, citado por Amaral– 2000, p. 323)²⁶</p>	<p>Toda pessoa que fala um determinado idioma conhece as estruturas (regras) gerais de funcionamento dele. Isso não significa, no entanto, que todos os falantes de uma língua a utilizem de maneira rigorosamente uniforme. Existe um grande número de fatores (como a idade, o grupo social, o sexo, o grau de escolaridade etc.)que interferem na maneira individual que o falante tem de se expressar. Dizemos, por isso, que em um idioma ocorrem variações linguísticas. (Amaral, 2000, p. 23)</p>
<p>Linguagem (...)é qualquer meio usado para a transmissão de uma mensagem, isto é, para comunicar. (...) Língua é um conjunto de signos e de regras de combinação desses signos, que constituem a linguagem oral e escrita de uma coletividade. A língua existe em estado potencial, armazenada na memória coletiva e nos textos gravados e escritos. A ação ou faculdade de utilização da língua denomina-se fala. (Maia, 2005, p. 13)</p>	<p>Uma língua não é falada de maneira idêntica pelos seus usuários. (...) Além das variações regionais, a língua varia conforme a época, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, a situação de comunicação etc. (...) A esses tipos de variedades dá-se o nome de registros. (...) O papel da escola é transmitir padrões referentes ao uso da escrita e da fala em situações formais, sem esquecer, contudo, as variedades históricas, regionais, sociais e outras, como as condicionadas pelo grau de escolaridade, pela faixa etária, pelo momento, pela situação etc. Esses padrões referem-se ao uso da norma de maior prestígio sociocultural, isto é, a norma culta ou norma padrão. (Maia, 2005, p. 12-3-4)</p>

²⁵ Também examinamos a edição de 2005 desse manual, no qual não constam algumas das definições de linguagem que apresentamos na grade referencial 3.

²⁶ Essa é a única alusão à língua que esse manual apresenta, ou seja, a concepção de língua é trazida, juntamente, com a concepção de gramática, através de uma citação de Antônio Houaiss.